

O Iphan - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional completa 80 anos em 2017.

A regulamentação da política pública do Patrimônio Imaterial, dentro do Iphan, só tem 15 anos, a partir do Decreto nº 3.551 de 2000.

Desde então, se considera a inscrição nos Livros de Registros dos Bens Culturais de Natureza Imaterial a força da vida que brota e dá significado aos saberes, formas de expressão, celebrações e lugares em articulação dos registros, inventários e salvaguarda da memória coletiva, com a educação, o meio ambiente e o desenvolvimento econômico e social.

O sagrado não é só o do consagrado. O saber não é só o da academia. A arte não é só a do mercado. Os ofícios e modos de fazer não são só aqueles que representam uma classe. A história não é só a oficial. Lugares deixam de ser apenas locais (pontos no GPS): viram paisagens afetivas onde há narrativas escritas em sinais da natureza, permanecendo de geração a geração, compartilhadas por muitos meios e modos para que continuem vivas, ativas e comuns.

Os diversos jeitos de ser brasileiro passaram a ser reconhecidos como bens de referência e patrimônio cultural dos muitos meios e modos do ser brasileiro.

Práticas se recriam e se oferecem como alertas permanentes de vitalidade ou de clamor se estiverem sob risco. Suportam adaptações, superam descasos, reinventam-se sem perder a essência... tamanha é a dignidade das suas matrizes!

Saberes que se mantêm mesmo quando suas comunidades são perseguidas, agredidas e ofendidas; quando sofrem a intolerância dos que ainda não perceberam a maior riqueza dessa nação: a força que vem das trocas e permite a convivência com as diferenças sem que ninguém deixe de ser quem é.

E é essa força de vida que o Carimbó traduz.

Essa força que representa um povo, diversas regiões, um Estado e nos ajuda a entender mais o valor e o sentido do Brasil por inteiro.

Pela pele do tambor, o Carimbó nos faz um apelo quando nos toca: proclama que a diversidade brasileira deve ser mais reconhecida. O tambor quando toca nos encoraja a continuar nessa luta para que o Brasil não recue, nem se assuste com as ciladas do ódio. O que tem princípios, nunca terá fim!

Pelas encantarias da floresta, um ritmo que fluiu das fartas águas paraenses, em seu meio de vida, o Carimbó pede ao Brasil para ouvir os tambores, danças e cantar com seu povo e lembrar que os primeiros *tumtum tumtum tumtum tumtum* a gente ouviu no ventre materno. Aprendemos o tambor na barriga de nossas mães, pelo coração das nossas origens mais profundas.

O Estado reconhece o Carimbó muito mais que por referência. O Estado deve ao Carimbó um sinal de reverência pelo tanto que o Carimbó e seus Mestres e Mestras têm ainda a nos ensinar.

Ensinar que a vida tem outros caminhos nunca retos como estradas, mas sinuosos como os rios, onde se aprende a contornar adversidades, não para evitar o combate contra a barreira de pedra ou da montanha; as águas contornam por respeitar a existência do diferente e com ele conviver. Contornam porque creem sempre na possibilidade de cada um inventar a sua própria trilha. As águas, tão magníficas nesse Estado, ensinam estratégias do infiltrar para romper com estruturas fechadas e que se abrem quando irrigadas por beleza, arte e atitude de luta.

Se os rios fossem retos, diretos e asfaltados eles correriam em silêncio. São as pedras, as adversidades, que fazem o rio cantar (cito aqui, a educadora Vera Catalão).

A luta e a organização das comunidades do Pará ensinam ao Brasil que não há saída nos modelos que oprimem e reprimem para transformar pessoas em peças cujo único valor é o preço de mercado. Ensinam a prática da cidadania viva, participativa. Ensinam que devemos lutar contra os sistemas autoritários, pois são as comunidades as reais autoras das autoridades!

Esse Título de Patrimônio Cultural do Brasil celebra um processo de construção coletiva entre o Iphan e os reais detentores do Carimbó. Comprova a diversidade cultural brasileira em praça pública. Prova que somos somas e se integra a outros 37 títulos de bens registrados, representando todas as regiões do país, para reforçar os muitos modos, jeitos e meios de viver dos brasileiros.

É um Título para que o Estado também se reconheça na sociedade, e a nação brasileira se apresente ao mundo pela face múltipla face dos muitos *brasis*. O Carimbó tem esse título porque demonstrou querer esse título, desejar esse título, construir esse título: ele não foi dado, foi honradamente conquistado.

A articulação dos 37 municípios e 107 localidades no processo do Inventário comprova que os Planos de Salvaguardas, para garantir o crescimento e fortalecimento do Carimbó, já têm, na capacidade de organização sem tutelas, o maior elemento para o sucesso desse novo caminho que se inicia.

O Carimbó reforça o valor do trabalho em rede e tem muito a trocar com os coletivos de bens registrados já em ação no Brasil. Aqui nesta mesa, estão duas expressivas lideranças para simbolizar esse trajeto: Ale Ribeiro do Jongo do Sudeste e Neto de Azile do Tambor de Crioula do Maranhão.

Redes rompem paredes.

O Estado, isolado, não tem como suprir tanta demanda da sociedade. Os investimentos e recursos financeiros para a Cultura entraram em profunda retração sem que isso resultasse em imobilidade e apatia do Ministério da Cultura: só nos sentimos fortes, porque recebemos essa força compartilhada por cada um de vocês.

O Carimbó não é coitadinho, não vive de favores, não é pedinte carente que só quer, nem aceita migalhas: é um Bem Cultural que representa não só o Pará, mas a todos os brasileiros.

É força viva de dignidade manifesta em sua arte e capacidade de mobilização. Traz a fibra dos combatentes, a diferença dos originais, a devoção dos iluminados, a coragem dos apaixonados e a tradição da cultura popular com essa poderosa luz transformadora de realidades coletivas e individuais...

...consagrado pela referência e celebrado por sua força de vida, hoje, aqui, agora, o Estado se coloca em reverência para saudar o Carimbó entre as matrizes da cultura brasileira para que esse toque nunca silencie, esse canto nunca se cale e esse povo sempre nos mostre o quanto a gente vale...

Somos gratos Pará, somos gratos ao Carimbó!

*(Lido em plenária, ante todos os representantes de comunidades e lideranças do Carimbó algumas horas antes do Tambor falar por si).*

Belém, 11 de novembro 2015.

TT Catalão – Diretor do Departamento do Patrimônio Imaterial/DPI-IPHAN